

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ  
FERNANDA FERREIRA VALERIO**

**A Disciplina de Língua Portuguesa e o seu potencial formativo:  
contra as formas de opressão do Bullying**

**Taubaté – SP  
2020**

FERNANDA FERREIRA VALERIO

**A Disciplina de Língua Portuguesa e o seu potencial formativo:  
contra as formas de opressão do Bullying**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras pelo Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria  
Dias Reis Pacheco

**Taubaté – SP  
2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI  
Universidade de Taubaté – UNITAU**

V164d

Valerio, Fernanda Ferreira

A disciplina de língua portuguesa e seu potencial  
formativo: contra as formas de opressão do Bullying /  
Fernanda Ferreira Valerio. -- 2020.

41 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras e Serviço Social,  
2020.

Orientação: Profa. Dra. Marcia Maria Dias Reis Pacheco,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Bullying. 2. Língua portuguesa. 3. Opressão. 4. Paulo  
Freire. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências  
Sociais e Letras e Serviço Social. Curso de Letras. II. Título.

CDD – 370

FERNANDA FERREIRA VALERIO

**A Disciplina de Língua Portuguesa e o seu potencial formativo:  
contra as formas de opressão do Bullying**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras pelo Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

**Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco (Orientadora)**

**Assinatura** \_\_\_\_\_

**Profa. Ma. Andreia Alda de O. F. Valerio**

**Assinatura** \_\_\_\_\_

**Profa. Sandra Aparecida Vitoriano**

**Assinatura** \_\_\_\_\_

Aos meus pais, por me possibilitarem os estudos, apoiarem minhas escolhas e me incentivarem a encarar os desafios, e sobretudo, a Deus que me guiou e fortaleceu para atingir essa conquista, além da minha orientadora que trouxe luz ao meu trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus por ter me dado força, saúde e condições para manter este projeto de pesquisa até o final.

Sou grato à minha família pelo esforço, dedicação e apoio que sempre prestaram a mim. Sem eles nada seria possível.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora pelo incentivo, encorajamento e dedicação do seu e tempo a minha pesquisa.

Agradeço à Universidade de Taubaté e a todos os professores do curso de Letras, pela qualidade do ensino, em especial a Profa. Ma. Andreia Alda Valerio e Profa. Sandra Aparecida Vitoriano, que gentilmente aceitaram participar da avaliação deste trabalho.

À minha falecida avó, Luzia Ines de Oliveira, dedico esta presente monografia. Agradeço a criação que me deu e por tudo que me ensinou sobre ser forte e dedicada. Sua luz sempre iluminará meus caminhos, e o carinho que nos deixou há de me confortar de sua ausência.

A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, pela sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

(NELSON MANDELA, 2003)

## RESUMO

O tema da presente monografia é “A Disciplina de Língua Portuguesa e o seu potencial formativo: contra as formas de opressão do Bullying.” Os meus corpora são constituídos do filme *Extraordinário* e das obras: *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, *Mentes Perigosas nas Escolas*, de Ana Beatriz Barbosa e *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*, de Cleo Fante. Os objetivos desta pesquisa são: 1) Abordar a opressão no seu sentido histórico e social, através do autor Paulo Freire 2) Refletir sobre as relações opressoras e oprimidas causadas pelo Bullying 3) Apontar as diferentes abordagens ao tema para despertar a curiosidade do aluno e garantir uma educação problematizado pautado no ensino crítico e reflexivo. Tal pesquisa tem por justificativa identificar a relevância da abordagem de temas sociais em sala de aula, voltado para professores, estagiários e alunos do Ensino Fundamental II. A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica. A fundamentação teórica se ancora no autor Paulo Freire, Ana Beatriz Barbosa e Cleo Fante. Como resultados, temos os métodos de ensino e a elaboração de sequência didática para abordagem de temas de cunho social em sala de aula como contribuição ao ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chaves: Bullying; Opressão, Paulo Freire; Língua Portuguesa.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 Contribuição da Língua Portuguesa	10
2.2 <i>Bullying</i>	14
2.2.1 As Estruturas Sociais do Bullying	16
2.3. Pressupostos Freireanos	20
2.4 O Papel do Docente no Combate às Formas de Opressão	23
2.4.1 A Interferência do Professor nas Manifestações de Bullying	23
2.5 Contribuições da Didática	29
2.5.1 Análise do Filme “Extraordinário”	30
2.5.2 Resenha do Filme	30
2.5.3 Análise da Personagem Principal (August Pullman)	31
2.5.4 Sequência Didática para Abordagem do Tema ‘Bullying’ em Sala de Aula	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Meu gosto pela leitura e escrita me ajudaram muito a superar as fases de preconceito e *bullying* que enfrentei durante o Ensino Fundamental. Meus escritos libertavam-me de uma possível reação ao caos interno que me atormentava a cada insulto ou comentário maldoso que recebia.

Escrever foi uma grande alternativa em minha vida graças ao incentivo da minha mãe e professora Andreia Alda. O impacto dessa ação determinou o meu futuro: Tornar-me professora para fazer a diferença.

Ensinar é um honroso ofício. Salva vidas e mentes. E era essa a minha pretensão desde o início.

O curso de Letras foi uma realização. Aprendi, com a humanização do ensino, como a educação é poderosa e necessária, e pude, além disso, praticar e adquirir experiência.

A disciplina de Língua Portuguesa (a que mais me afeiçoou) me permite atingir, de uma forma positiva, os alunos. Através dela posso contribuir para uma formação de competentes cívicos, morais e justos.

O *Bullying* é um fenômeno cada vez mais frequente nas escolas, que se caracteriza por agressões intencionais, realizadas de maneira repetida. Trata-se de uma violência que deve ser combatida no ambiente escolar. Em 2015, foi promulgada uma Lei nº 13.185/15 de combate sistemático ao *Bullying* que estabelece como dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação (*bullying*).

Diante disso, surgiu o interesse em desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso que pudesse sistematizar os estudos em relação a temática, mas que pudesse articular-se a minha área de atuação, Licenciatura em Letras.

Dessa forma, esta pesquisa teve como problema de pesquisa a Língua Portuguesa e o seu potencial formador para mediar aos alunos o conhecimento crítico

---

<sup>1</sup> Na Introdução, os aspectos relacionados ao interesse da pesquisa assume-se a primeira pessoa. Nas demais partes do trabalho, assume-se a terceira pessoa.

e reflexivo por meio de uma abordagem problematizadora de Paulo Freire, e como objetivos específicos:

Abordar a opressão no seu sentido histórico e social;

Refletir sobre as relações opressoras e oprimidas causadas pelo Bullying;

Apresentar uma sequência didática para discutir o Bullying, de forma a despertar o pensamento crítico e reflexivo para o combate a opressão e as formas de violência nas escolas por meio de metodologia problematizadora.

Essa pesquisa não estava particularmente interessada no tema Bullying, atendo-se mais ao exame das relações desiguais de poder instauradas pelos alunos no ambiente escolar, na violência e no papel do professor. Entretanto, o termo Bullying foi pertinente, uma vez que o ato se refere aos comportamentos agressivos a que permeia essa pesquisa, fato este que constituiu um dado digno de realce e aprofundamento.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, a qual utilizou-se com base livros e artigos científicos.

No desenvolvimento desta pesquisa percorreu-se as seguintes etapas: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; levantamento das fontes bibliográficas; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação do texto e revisão final do trabalho.

Dessa forma, este trabalho foi organizado em três grandes seções. Na primeira apresenta-se esta Introdução, que se estabelece o tema, o referencial teórico utilizado, bem como o problema, o objetivo geral e os específicos da pesquisa. A segunda destinou-se à Revisão de Literatura, em que se discutiu as Contribuições da Língua Portuguesa para um ensino crítico e emancipador; o *Bullying* e suas estruturas sociais; Pressupostos Freireano; O papel do docente no combate às formas de opressão e sua interferência nas manifestações de Bullying; As Contribuições da Didática; A análise do filme 'Extraordinário, com resenha do filme; e por último a Sequência Didática para abordagem do tema '*Bullying*' em sala de aula. A terceira seção foi destinada às considerações finais.

## 2. REVISAO DE LITERATURA

### 2.1 Contribuição da Língua Portuguesa

A Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional (LDBEN) caracteriza a Língua Portuguesa em seu § 1º Art. 26 “Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil” (g.n). Dessa forma, traz o entendimento que é componente obrigatório em todos os níveis e modalidades, uma vez que abarca a Educação Básica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância da Língua Portuguesa na formação dos alunos.

[...] é importante considerar, também, o aprofundamento da reflexão crítica sobre os conhecimentos dos componentes da área, dada a maior capacidade de abstração dos estudantes. Essa dimensão analítica é proposta não como fim, mas como meio para a compreensão dos modos de se expressar e de participar no mundo, constituindo práticas mais sistematizadas de formulação de questionamentos, seleção, organização, análise e apresentação de descobertas e conclusões” (BRASIL, BNCC, 2017, p. 66).

A BNCC aborda a Língua Portuguesa como uma disciplina que promove a interdisciplinaridade com os demais componentes curriculares.

[...] aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social” (BRASIL, BNCC, 2017, p. 65).

Além de evidenciar as competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, como segue

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, BNCC, 2017, p. 61).

Considerando a importância da Língua Portuguesa em permitir espaço para diálogos, análises e reflexões, o presente estudo objetiva utilizá-la como componente curricular para instigar o pensamento crítico, abordando temáticas de relevância e urgência social por meio de uma Pedagogia Problematicadora.

Além disso, a disciplina evidencia a possibilidade de potencializar o aprender a conhecer, fazer, viver e a ser consubstanciado aos Quatro Pilares da Educação - Relatório Dellors (1990) que preconizam formação mais global.

#### Aprender a conhecer

É compreender o mundo que nos rodeia. Essa aprendizagem se refere exatamente a aprender a aprender, desenvolvendo o raciocínio lógico dos alunos, a capacidade de compreensão, o pensamento dedutivo e intuitivo e a memória. O mais importante nessa etapa é motivá-los a desenvolver sua vontade de aprender e querer saber mais e melhor.

### Aprender a fazer

Saber colocar em prática os conhecimentos, fazer ou dominar competências. Não se separa o aprender do conhecer, mas se confere ao aluno uma formação técnico-profissional em que aplicará, na prática, seus conhecimentos teóricos. É essencial que cada indivíduo saiba se comunicar através de diferentes linguagens, assim como interpretar e selecionar todas as informações que recebe.

### Aprender a conviver

Corresponde a uma das tarefas essenciais da educação. Essa etapa de aprendizagem cuida da parte das atitudes e dos valores e envolve uma consciência e ações contra o preconceito e as rivalidades diárias que se apresentam no desafio de viver. É a responsabilidade por um mundo mais solidário.

### Aprender a ser

Essa aprendizagem depende das outras três e, dessa forma, considera-se que a Educação deve ter como finalidade o desenvolvimento total do indivíduo: espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.

Os Quatro Pilares da Educação têm a finalidade de formar indivíduos autônomos, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, se comunicarem e evoluírem permanentemente, de intervirem de forma consciente e proativa na sociedade (DELLORS, 1990).

No mesmo sentido, Zabala (1998) destaca a importância da seleção dos conteúdos escolares, os deveres dos professores de selecionarem os conteúdos que permitem a formação global dos alunos, e ainda explica como os conteúdos devem ser considerados em suas distintas naturezas: conceituais (os fatos, conceitos e princípios), procedimentais (os procedimentos) e atitudinais (valores, atitudes e normas).

Os conteúdos factuais ou fatos são definidos como conteúdo de aprendizagem singulares, de caráter descritivo e concreto.

Os conceituais e os princípios são conteúdos de aprendizagem de caráter abstrato, os quais exigem a compreensão.

Um conteúdo procedimental é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, ou seja, dirigidas à obtenção de um objetivo.

Os conteúdos atitudinais englobam valores, atitudes e normas. Todos esses conteúdos estão configurados por componentes cognitivos (conhecimentos e crenças) afetivos (sentimentos e preferências) e atitudinais (ações e declarações de intenção), mas a incidência de

cada um desses componentes varia em se tratando de um valor, uma atitude ou uma norma (ZABALA, 2010, p. 100-102).

Aliado aos cuidados metodológicos do ensino da Língua Portuguesa neste trabalho, assumem-se os princípios da Pedagogia Problematizadora com vista a permitir uma educação emancipadora (FREIRE, 2018). A contribuição da Língua Portuguesa, portanto, faz-se no reconhecimento do discurso de ódio, na reflexão dos limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, no debate de ideias, posições e argumentos contrários, segundo a BNCC.

Partindo dessa amplitude de possibilidades que a Língua Portuguesa oferece para o trabalho em sala de aula é que esta monografia se apresenta ao elaborar um material didático para tratar o *Bullying* e a Opressão em sala de aula por meio do filme “Extraordinário”.

## 2.2 *Bullying*

Segundo Fantes (2005), o *Bullying* é caracterizado como subconjuntos dos comportamentos violentos, ocorridos de modo constante e repetitivo, por contrastes de poder. Isto é, os poderes mal distribuídos para uma determinada sociedade ou grupo social, fazem com que haja grupos mais propícios e menos propícios para dominar, desta forma configura-se o estado de opressão, violência, exploração, humilhação, difamação e entre outras formas desvalidas de tratamento contra determinado indivíduo/grupo desprovido de regência.

Fantes (2005) ainda define:

O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques (FANTES, 2005, p. 28)

Pereira (2008), estudiosa e pesquisadora, também define o *Bullying* como sendo uma manifestação de insultos, ameaças, apelidos maldosos, perseguições, acusações injustas, amedrontamento atuado por grupos que hostilizam e invalidam a vida alheia, acarretando exclusão, dano físico, moral e material.

Pereira (2008) acrescenta:

Em geral, podemos notar que as vítimas não dispõem de recursos, status e habilidade para reagir porque estão numa relação desigual de poder com os agressores, ou por razões psicológicas, econômicas ou sociais. Os agressores se valem dessas incapacidades para infligir dano, seja porque alcançaram algum tipo de gratificação emocional com tal postura, ou pretendem obter alguma vantagem específica como se apossar de dinheiro, de objetos da vítima, ou ainda solidificar posições na hierarquia do grupo onde estão inseridos, e aumentar sua popularidade entre os demais colegas (PEREIRA, 2008, p. 207).

Logo, entende-se a caracterização de *Bullying* por definição universal como uma prática repetitiva e agressiva adotado por um ou mais indivíduos.



Segundo Fantes (2005), o *Bullying* ocorre em qualquer contexto social, podendo ser escolas, universidades, internet, locais de trabalho, famílias e vizinhança, ou seja, em qualquer relação interpessoal.

Ainda de acordo com Fantes (2005), o *Bullying* é um fenômeno novo, que em termos de estudos e investigação vem sendo pautado nas discussões das últimas décadas, mas, por outro lado, pode-se considerar um assunto antigo, uma vez que há relatos anteriores onde ocorria essa prática nas escolas.

Ariès (1978) aponta que embora o fenômeno *Bullying* tenha começado a se destacar pelo seu caráter preocupante de afetar o psíquico das vítimas de forma violenta, sua ocorrência é anterior a sua visibilidade, isto é, por muitos anos esse acontecimento não foi caracterizado como danoso para as relações sociais e educacionais.

Encontra-se também a definição de *Bullying* na Lei Federal 13.185/2015, no § 1º do Artigo 1º:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

Diante disso, cria-se uma necessidade de mediar essas situações com cautela, empatia e justiça. A presente monografia tratará mais especificamente do papel do professor, uma vez que as práticas de *Bullying*/opressão nascem a partir das relações desiguais de poder, e a escola é justamente um dos meios sociais que acomodam diversas diferenças; sendo, portanto, um previsível ambiente para a ocorrência desse fenômeno.

Assim, faz-se necessário a compreensão da diferenciação entre o perfil opressor e oprimido para aplicar as devidas medidas preventivas.

### 2.2.1 As Estruturas Sociais do Bullying

Neste trabalho, os dois autores com maior destaque no assunto trarão à luz o perfil do oprimido, são eles: Freire (2018) e Barbosa (2010).

A opressão – fato muito evidenciado nas práticas de bullying – discorre de um processo histórico desenvolvido pela necessidade humana de suprir-se, mesmo que isso custe a depravação alheia. O homem, para se garantir (seja econômico, material, cultural, etnicamente...), estabelece uma relação opressora inaugurada pela violência. De acordo com Freire (2018), o perfil dos opressores pode ser identificado a partir daqueles que inauguram a violência na opressão, na exploração, no desamor, no desconhecimento e dentre outras formas desvalidas.

Freire (2018) ainda ressalta:

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* (FREIRE, 2018, p.41).

Logo, para Freire (2018), a opressão se estabelece no ato de se proibir o ‘ser mais’ dos homens. É dessa maneira que a injustiça ocorre: a carência de ter – seja status, monetização, privilégios e etc. – se expande à exploração daqueles que nada – ou pouco – têm.

A opressão também não pode definir-se somente no ato de explorar, mas também se configura na omissão do feito. É nesse sentido que Freire (2018) acrescenta:

Acontece, porém, que, ao passarem de exploradores ou de espectadores indiferente ou de herdeiros da exploração – o que é uma convivência com ela – ao polo dos explorados, quase sempre levam consigo, condicionados pela “cultura do silêncio”, toda a marca de sua origem. Seus preconceitos (FREIRE, 2018, p.41).

Os dominadores da opressão são seletivos quando atuam; procuram por um perfil sensível, desprovido, vulnerável, desmotivado, desestimulado e desinformado. São a partir dessas características que se faz a opressão no seu sentido mais acessível e cruel.

Freire (2018) pontua:

De tanto ouvirem de si mesmo que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais (FREIRE, 2018, p.69).

Partindo para um sentido mais conotativo, pode-se representar os oprimidos como sendo marionetes: os fantoches, sem propósitos e liberdade, são movidos pelo ‘poder’ daqueles que os dominam. Ou seja, é a partir desse retrato adulterado de si que os oprimidos são possuídos. Daí o surgimento de mais uma decorrente consequência: dependência emocional. É a partir desse fenômeno que Freire (2018) argumenta “É este caráter de dependência emocional e total dos oprimidos que os pode levar às manifestações que Fromm chama de necrófilas. De destruição da vida. Da sua ou da do outro, oprimido também” (FREIRE, 2018, p.71).

É preciso, portanto, encarar a opressão com a sua devida importância e atenção, uma vez que esse ato pode ocasionar fatalidades irreversíveis como o suicídio, além de distúrbios psicológicos, depressão, Síndrome do Pânico e entre outras doenças traumáticas.

Conjecturar dos ideais freireanos é confiar na capacidade da humanidade de juntos, alimentarem o modelo utópico da mudança: uma realidade onde oprimidos e opressores tornam-se verdadeiramente livres dos elos que os confinam – o preconceito, a discriminação e a justiça presente na sociedade.

Já para a estudiosa Ana Beatriz Barbosa, é possível identificar a opressão nas microrrelações, como nos vínculos escolares, familiares, profissionais e etc. A autora explica que:

No contexto familiar, podem ser identificados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos, capazes de destruir a saúde física e mental e a autoestima de seus alvos prediletos. No território profissional, costumam ser chefes ou colegas tiranos, mascarados e impiedosos (...) Muito embora o termo bullying originalmente tenha sido empregado para definir atos de tirania e violência repetitivas no âmbito escolar, muitas vezes também é adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais (BARBOSA, 2010, p. 22).

As vítimas da opressão possuem um perfil traçado que Barbosa (2010) define:

Normalmente, essas crianças ou adolescentes estampam facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva dificuldades para se expressar. Por apresentarem dificuldades significativas de se impor ao grupo, tanto física quanto verbalmente, tornam-se alvos fáceis e comuns dos ofensores (BARBOSA, 2010, p. 38).

Assim como as vítimas, os opressores também possuem um perfil. Barbosa (2010) define a personalidade opressora como sendo maus, desrespeitosos e, na maioria das vezes, legitimados de força física ou intenso assédio psicológico. Estes, na maioria dos casos, apresentam aversão às normas, isto é, não aceitam seguir regras e serem contrariados, além de não possuírem afeto com terceiros. A frieza, a indelicadeza e o descaso os ajudam a oprimir sem que o remorso os atrapalhe.

Além daqueles que cometem a opressão, existem aqueles que Barbosa (2010) define como “espectadores neutros”, estes não se diferem muito dos opressores, uma vez que ocultam e omitem os atos de *Bullying*, fazendo-os opressores também. Barbosa ressalta:

Seja lá como for os espectadores, em sua grande maioria, omitem-se em face dos ataques de *bullying*. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de *bullying*. (BARBOSA, 2010, p. 46).

Conhecer as vítimas e os opressores é fundamental para diagnosticar o caso com antecedência e prudência. Alguns opressores, na adolescência, podem apresentar comportamentos que os tornarão prováveis psicopatas na vida adulta.

Esses opressores com traços genuinamente perversos são diagnosticados por apresentarem “transtorno da conduta”, que segundo Barbosa, possuem os seguintes comportamentos:

- Mentiras constantes, em diversos ambientes e situações.
- Crueldade com animais, irmãos e colegas.
- Comportamento desafiador diante das figuras de autoridade, como pais e professores.

- Falta de responsabilidade.
  - Acessos de fúria quando frustrados ou contrariados, muitas vezes com revides.
  - Insensibilidade, ausência de culpa ou remorso.
  - Falta de constrangimento, quando pegos em flagrante.
  - Fugas de casa ou da escola.
  - Violação de regras de forma ampla, mesmo cientes de que estão errados e sujeitos a sanções.
  - Participação em fraudes (falsificação de documentos), roubos ou furtos.
  - Uso precoce de drogas.
  - Sexualidade precoce e exacerbada, podendo chegar a atos extremos, como violentar crianças ou adolescentes mais frágeis.
  - Atos de vandalismo, com destruição do patrimônio público e alheio.
  - Nítida tendência a manipular fatos e pessoas para se livrar das responsabilidades de seus atos, isto é, costumam dizer que são sempre inocentes ou que a culpa é do outro.
- Histórico de homicídio (BARBOSA, 2010, p. 52).

Diante dessas circunstâncias é que se cria uma necessidade pedagógica para orientar, mediar e informar sobre as práticas de opressão em sala de aula, buscando libertar e desalienar os alunos.

### 2.3. Pressupostos Freireanos

Freire (2018) permite a compreensão do processo emancipatório pautado na libertação dos homens vítimas da opressão social.

Quando se fala em emancipação, nos pressupostos freireano, fala-se de uma força violenta agindo sobre o outro (carecido de condições sociais, físicas, morais, patrimoniais, econômicas...), gerando diversas formas de opressão, como a submissão, o assédio, a violência, a humilhação, a exploração, o descaso, e etc, uma vez que “[...] a opressão só existe quando se constitui em um ato proibitivo do ‘ser mais’ dos homens” (FREIRE, 2018, p. 60)

É nesse sentido que, ao falarmos de Freire (2018) , simultaneamente estamos nos referindo à política, isto é, essa busca interminável da sociedade capitalista de “ser mais” e “ter mais”, mesmo que isso custe a depravação e exploração alheia; à educação, uma vez que através dela é possível alcançar o “despertar” dos homens para a realidade em que se inserem e, por último, à emancipação, ou seja, o direito de ser e identificar-se livre.

Freire (2018), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, apresenta um método pedagógico que busca a emancipação dos homens oprimidos por meio do diálogo. “O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (FREIRE, 2018, p.72). É, portanto, no diálogo que a reflexão crítica e libertadora ocorre. Para ele “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (FREIRE, 2018, p.72)

Dessa forma, aos educadores cabem essa tarefa de devolver aos oprimidos o espírito de cidadania e fazê-los sentir libertados, mas, para que atinja tal objetivo revolucionário ao homem oprimido, é preciso que os professores saibam diferenciar a educação “bancária” da educação “problematizadora”.

A educação “bancária”, a que Freire (2018) critica em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, pauta-se na ideia de ‘depositar’ conteúdos aos alunos, buscando a memorização e a transferência de conhecimentos e valores, promovendo o que o autor nomeia de “cultura do silêncio”, isto é – a passividade diante da realidade em que vivem. Ou seja, o depósito dos ‘saberes’ não os faz capazes de desenvolverem a

criticidade e a reflexão, pelo contrário: reproduzem a opressão. Segundo o autor: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 2018, p. 83).

A prática da educação bancária se iguala à mentalidade dos opressores, visando adaptar os alunos à realidade em que vivem, silenciando-os e fazendo com que assim possam melhor dominar. Os professores assumem uma posição de ‘superioridade’ aos alunos, fazendo-os submissos na ação de abstrair todas as informações ‘depositadas’, sem liberdade de espaço para discutir, sugerir e opor-se aos conteúdos. Freire (2018) assegura que “A questão está em que pensar autenticamente é perigoso. O estranho humanismo desta concepção “bancária” se reduz à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de ‘ser mais” (FREIRE, 2018, p. 85).

Em oposição à essa concepção bancária, tem-se a educação “problematizadora” – a mais defendida por Freire (2018). O método “problematizador” – e a este que o presente trabalho se aplica – busca a reflexão dos fatos e da realidade, provocando novas compreensões e reconhecimento. Essa educação pautada na prática da liberdade tem como exercício mediar as relações homem-mundo, uma vez que

[..] a reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem ‘abstração’ nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que a consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (FREIRE, 2018, p. 98).

Por isso é que a educação problematizadora tem como princípio a relação entre educador-educando e educando-educador, e segundo Freire (2018) “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado” (FREIRE, 2018, p. 95).

Sendo assim, o professor, como mediador, busca colocar o objeto de estudo em incidência, permitindo que os alunos dialoguem e instiguem-se, causando a

curiosidade e a reflexão. A educação, portanto, deve ocorrer de forma conjunta, humanitária e libertadora. Afinal:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada (FREIRE, 2018, p. 98).

É, portanto, seguindo a lógica freireana pautada na educação problematizadora que a presente monografia se estende.



## **2.4 O Papel do Docente no Combate às Formas de Opressão**

### **2.4.1 A Interferência do Professor nas Manifestações de Bullying**

Levando em consideração a sala de aula como um ambiente social que reúne diferentes indivíduos que pensam, agem e sentem de maneiras distintas uns dos outros, os conflitos tornam-se inevitáveis. Dessa forma, o professor deve salientar-se para lidar com essas diversidades sempre existentes, buscando estratégias para estreitar o convívio e o bem comum de todos;

É fato que o professor desempenha múltiplas funções em sala de aula, sendo uma delas a responsabilidade de mediar e intervir nas relações sociais desenvolvidas no ambiente escolar. Portanto, estar atento e pronto para todas as possíveis situações é fundamental; desse modo, criar estratégias para esse fim é uma das principais alternativas.

A escola cujo ambiente se prevalece a sociointeração, isto é, onde os alunos interagem entre si, tomam decisões e participam integralmente das aulas, está mais propícia a vivenciar situações de conflitos do que nas escolas cujo ambiente é tradicional (aulas monótonas e silenciosas, ensino memorizado, exercícios técnicos e majoritariamente repetitivos).

Instigar o aluno a pensar, estreitar os laços de convivência e promover um ambiente de integração são métodos que garantem o desenvolvimento crítico da criança e do jovem, assim como Vinha e Tognetta (2009) definem:

Já para o professor que possui uma perspectiva construtivista, os conflitos são compreendidos como naturais em qualquer relação e necessários ao desenvolvimento da criança e do jovem. São vistos como oportunidades para que os valores e as regras sejam trabalhados, oferecendo “pistas” sobre o que precisam aprender. Por conseguinte, suas intervenções não enfatizam a resolução do conflito em si, o produto (“como resolver?” mas sim o processo, ou seja, a forma com que os problemas serão enfrentados (o que eles poderão aprender com o ocorrido?). Os educadores que possuem esta concepção compreendem o conflito e sua resolução como partes importantes do “currículo” tanto quanto os outros conteúdos que devem ser trabalhados e não apenas o vendo como um problema a ser resolvido (VINHA e TOGNETTA, 2009, p. 534)

Partindo dessa concepção, o professor deve utilizar dos conflitos existentes para instigar a reflexão dos alunos, tornando-os críticos e responsáveis. Agindo assim, os alunos reconhecem suas capacidades de resolver conflitos, identificar as problemáticas e repensar seus atos de uma maneira justa.

É preciso salientar que o auxílio dos alunos deve ocorrer de maneira apartidária, isto é, sem dar pontos de vistas, respostas ou sugerir a melhor atitude para aquele momento. Os alunos deverão ser estimulados a distinguir o justo do injusto e o certo do errado.

As aulas não devem privilegiar apenas os aspectos cognitivos, visando a memorização do aluno; o ensino vai muito além desse limite: é preciso instigar o aluno, fazer dos conteúdos algo próximo ou pertencente a realidade dos educandos, despertando a curiosidade e o interesse destes, para que haja, por fim, a educação de fato.

Freire (2018) ressalta:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada (FREIRE, 2018, p. 98).

Barbosa (2010) corrobora a ideia de Freire (2018):

Em vez de criarmos valores totalmente diversificados e radicais, seria mais interessante realizarmos uma profunda e pragmática reflexão a fim de estruturarmos um modelo educativo que busque, ainda no passado, o que o sistema de ensino propiciou de melhor e mais eficiente, abandonando os métodos arcaicos e de respostas pouco positivas. A esses padrões antigos, porém de resultados satisfatórios, adicionaríamos o que os dias atuais nos oferecem em termos de tecnologia e técnicas didáticas mais dinâmicas que possam trazer maior eficiência ao aprendizado. Com isso, criaríamos um novo e harmônico modelo, em que o passado e presente se uniriam para transformar os nossos jovens de hoje em cidadãos éticos do amanhã (BARBOSA, 2010)

Dessa forma, mediar a aula para uma consciência de pluralidade cultural, étnica, racial, econômica, física e entre outras diversidades, valoriza o sentimento de

comunidade que se instaura a partir da partilha de diferenças em um ambiente, sociedade e grupo social.

Apesar de, teoricamente, esse processo ser de simples execução, na prática o mesmo não ocorre. Vinha e Tognetta (2009) fizeram uma pesquisa pautada na opinião dos professores sobre conflitos existentes no ambiente escolar que definiram a dificuldade de mediar essas situações delicadas:

[...] alguns educadores parecem acreditar que os conflitos sejam ocorrências atípicas, que não fazem parte do “currículo” nem de seu trabalho como professor e ainda concebem harmonia ou paz como ausência dos mesmos. Diante das brigas e atritos, esses educadores sentem-se inseguros e desconhecem como poderiam intervir de forma construtiva. Os educadores constatarem, angustiados, que as brigas estão sendo resolvidas de forma cada vez mais violenta, mas sentem-se despreparados para realizarem intervenções diferentes de conter, punir, acusar, censurar, ameaçar, excluir, ou mesmo ignorar... Assim, acabam por educar moralmente agindo de maneira intuitiva e improvisada, pautando suas intervenções principalmente no senso (VINHA E TOGNETTA, 2009, p. 531-532)

Portanto, desprovidos de preparos e estudos para essas circunstâncias específicas, o professor contorna a situação de acordo com suas intuições momentâneas, resolvendo-as isoladamente. Dessa forma, o agravante continua a existir e perpetuar nas relações sociais.

Assim Dubet (1998, p. 230) sugere, “deveria haver cursos sobre a violência” completando: “porque a gente deveria aprender a responder a isto como se aprende as matemáticas”.

Vinha e Tognetta (2009) ressaltam a importância de haver um estudo aprofundado dessas práticas de intervenção educativa:

Muitas vezes, a intervenção descuidada do adulto só faz com que os educandos tentem esconder o conflito e, outras vezes, a interferência do professor pode aumentar as hostilidades e acarretar maiores problemas. Daí a importância de se estudar e refletir com profundidade sobre esta dimensão das relações educativas tão necessária para a realização de um trabalho construtivo na escola, para minimizar a violência, para a melhoria das interações sociais e para um maior favorecimento do desenvolvimento sociomoral de suas crianças e jovens (VINHA E TOGNETTA, 2009, p. 535-536)

Diante do número crescente e contínuo dos casos de práticas de *Bullying*, torna-se primordial tratar deste assunto em sala de aula, apontando e informando as principais formas de violência que ocorrem:

- Física (arranhar, empurrar, machucar, bater, beliscar, chutar);
- Verbal (destratar, apelidar, atacar verbalmente, ofender);
- Moral (intimidar, denegrir, caluniar, injuriar o caráter);
- Sexual (explorar, abusar, estuprar, assediar, insinuar);
- Psicológico (aterrorizar, apavorar, intimidar, ameaçar, perseguir);
- Material (furtar, roubar, assaltar, destroçar pertences);
- Virtual (zombar, debochar, discriminar, ridicularizar, difamar via internet)

Proporcionar o diálogo nessas circunstâncias é de grande relevância para que haja a interação entre os alunos e a realidade que os cerca, provocando, dessa forma, um espaço para troca de saberes e experiências daqueles que já vivenciaram uma cena de *Bullying* ou até mesmo já foram vítimas. A partir desse diálogo, pode discorrer propostas de intervenção, e reflexão.

Nesse sentido, Freire (2018) afirma que o importante é dialogar. É a partir da unidade dialética que se torna possível promover a atuação e o pensamento crítico sobre a realidade para transformá-la.

Freire (2018) considera o diálogo desprovido de ingenuidade - que é aquele que se mantém com o que é pesquisado, na busca de um conhecimento transformador - como o método mais eficaz para a educação e a libertação de todos os opressores e oprimidos. A transmissão do conhecimento tradicional, só faz, segundo ele, reforçar a dominação cultural e política, impedindo a conscientização dos homens e das mulheres.

Segundo Barbosa (2010) “[...] auxiliar e conduzir as novas gerações na construção de uma humanidade futura mais atenta a seus excessos e enganos, mais justa e menos violenta, são um imperativo categórico que todos nós deveríamos nos incumbir.”

Para mediar e aplicar as devidas medidas preventivas em sala de aula diante de situações de violência, é necessário que o docente conheça as leis que defendem as esferas escolares.

No Brasil, entrou em vigor dia 06 de novembro de 2015 a Lei Federal Nº 13.185 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). O Art. 2º caracteriza-se quando:

[...] há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

O Artigo 2º ainda realça a importância de intervir em situações de *Cyberbullying*: “Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.”

Ainda sobre a Lei Federal de Combate ao *Bullying*, encontramos no Art. 4º os objetivos do Programa:

- I - Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade;
- II - Capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - Instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - Dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - Integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - Promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua; [...]

Mais tarde, sancionou-se a Lei 13.663/2018 no dia 15 de maio de 2018 que foi integrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira o dever e a obrigação “da promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino” (BRASIL, 2018).

Os princípios dessas leis garantem assistência às vítimas e aos professores para lidarem com as devidas intervenções e orientações aos envolvidos.

Portanto, o papel do professor na educação transformadora e crítica é de enorme valor, porém, esse papel também cabe aos demais membros da sociedade de orientar as formas de conduta para um bem comum. Sendo, dessa forma, um papel social.

## 2.5 Filme “Extraordinário”: Contribuições da Didática

Aqui, pretende-se partir para uma proposta didática desse ensino até agora teorizado, ressaltando, por meio da sequência didática, como os processos de aprendizagem são intencionalizados. O que se pretende alcançar nos materiais utilizados para tratar da opressão em sala de aula é a noção de valores e atitudes. Em vista disso, Zabala (1998), explica os conteúdos atitudinais da seguinte forma:

Entendemos por valores os princípios ou as ideias éticas que permitem às pessoas emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido. São valores: a solidariedade, o respeito aos outros, a responsabilidade, a liberdade, etc.

As atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira. São a forma como cada pessoa realiza sua conduta de acordo com valores determinados. Assim, são exemplos de atitudes: cooperar com o grupo, ajudar os colegas, respeitar o meio ambiente, participar das tarefas escolares, etc. (ZABALA, 1998, p. 46)

Encontra-se um resultado quando o educando reage às situações problematizadora que são postas em evidência em sala de aula; reações como o ato reflexivo, o indagamento, a retórica e entre outras emoções; Zabala (1998, p. 47) completa: “Aprendeu-se uma atitude quando a pessoa pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem dirige essa atitude.”

É indispensável garantir que o aluno reflita e avalie suas atitudes, que desenvolva a capacidade de reconhecer as atitudes julgadas positivas ou negativas. Todas essas noções serão cabíveis a partir de um conteúdo elaborado pelo mediador que estimulem uma tomada de decisão transformadora para o educando e o mundo. Além do educador promover atividades e conteúdos que instiguem a reflexão, deve-se atentar a manter as relações afetivas priorizadas no ambiente de estudo, pois são elas as responsáveis pela interiorização do conteúdo a que o aluno deve se comprometer “[...] que estão condicionadas pelas necessidades pessoais, o ambiente, o contexto, e a ascendência das pessoas ou coletividades que promovem a reflexão ou a identificação com os valores que promovem” (ZABALA, 1998, p. 47)

É dessa forma que, ao tratar da opressão em sala de aula, o filme “Extraordinário” faz-se aliado, visto que há uma infinidade de possibilidades de permitir que o aluno visualize as ações por parte do oprimido e do opressor, identifique os

valores e noções a que permeiam o enredo e desenvolvam o senso crítico para transformar-se de forma libertadora e problematizadora.

Conclui-se, portanto, que a aprendizagem que induz a capacidade reflexiva e crítica “supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração de conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação” (ZABALA, 1998, p. 48).

### **2.5.1 Análise do Filme “Extraordinário”**

#### **2.5.2 Resenha do Filme**

Auggie é um garoto especial com deformidades faciais. A família o educa em casa na tentativa de protegê-lo das opressões da macroestrutura social, no entanto, é chegada a hora de Auggie se tornar independente e enfrentar a microestrutura social: a escola.

Seus pais o mandam para a escola e os desafios para vencer a opressão/*bullying* se iniciam desde o primeiro dia em que conhece o ambiente. Nesse dia, Auggie é apresentado ao diretor, figura importante no combate ao *bullying* sofrido por August, e aos três colegas convidados pelo Diretor para dar as boas vindas ao novo estudante, e que o seguirão durante o ano escolar. Dentre esses colegas estão as figuras do opressor e dos defensores do oprimido, esses últimos igualmente importantes definirão a vitória de Auggie.

Este filme é importante tanto para alunos quanto para professores, pois ensina sobre as ações que permeiam a opressão. Assim, as possíveis vítimas se fortalecem para ‘vencerem’ a opressão tanto quanto os professores criam condições para defenderem uma vítima de *bullying* em sala de aula.

O uso do filme é essencial para a dinâmica do assunto. ‘Fugir’ do ensino tradicional, cuja estrutura baseia-se no uso de livros didáticos fornecidos e exigidos pela instituição, é uma ótima alternativa para ‘quebrar’ costumes e gerar novos prazeres, opiniões e reflexões.



A abordagem desse filme é fundamental para questionar moral, conduta e empatia, ou seja, valores pertinentes para o bem comum de uma sociedade e o desenvolvimento pessoal dos alunos. Para isso, nesta seção será apresentado três quadros com estratégias para desenvolver o assunto com os alunos de Ensino Fundamental II, mais especificamente 8º ano) ao tema '*Bullying*.'

Por ser um filme educativo, será analisado à luz dos teóricos abordados durante a fundamentação teórica desta pesquisa, a saber: Freire e Barbosa.

### **2.5.3 Análise da Personagem Principal (August Pullman)**

August Pullmann, conhecido também como Auggie, é a personagem oprimida do filme. August apresenta deformações faciais, além das dezenas de cicatrizes decorrentes dos procedimentos estéticos que realizara desde seu nascimento para correções de sua desfiguração.

Auggie possui um bom relacionamento com a família, é carinhoso, divertido, engraçado e companheiro, além de ter uma inteligência admirável e rara.

Por apresentar uma aparência incomum aos demais, Auggie se “esconde” por detrás de um capacete de astronauta que ganhara de Natal de Miranda, melhor amiga de Olivia (irmã de August).

O capacete é o instrumento pelo qual Auggie se refugia dos comentários maldosos e mal olhados. Sem esse aparato de “fuga da realidade”, sua postura cabisbaixa e desolada desvia da crueldade daqueles que os oprimem.

Após dez anos estudando em casa com a tutoria de sua mãe (Isabel Pullman), enfrenta o desafio de conhecer o universo escolar pela primeira vez a partir de uma decisão definida pelos seus pais afim de prepará-lo para lidar com a sociedade que o aguarda.

August, desde a notícia, não lidou bem com a situação: temia ser vítima de *Bullying*.

O primeiro momento na escola, em que fora convidado a conhecer o espaço escolar e os amigos de sua classe, a convite do diretor Mr. Thushman durante as férias, foi – de forma previsível - desagradável ao garoto. O *bullying* é previsto desde sua primeira experiência na microestrutura escolar: os colegas que acabara de

conhecer os interrogam sobre sua aparência, os comparam com personagens de desenhos animados e entre outros insultos que configuram o *bullying*.

#### 2.5.4 Sequência Didática para Abordagem do Tema ‘Bullying’ em Sala de Aula

Os quadros descrevem as estratégias de Ensino a serem utilizadas nas abordagens de ensino da temática ‘Bullying’

#### Quadro 1 – Primeiro procedimento de abordagem: Comentários e reflexões prévias

Estratégias de abordagem.	O que se pretende e algumas observações.
<p>Antes de exibir o filme “Extraordinário”, fazer alguns questionamentos sobre Bullying aos alunos, possibilitando um diálogo com troca de experiências e opiniões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como você trata uma pessoa diferente de você?</li> <li>• Se seu/sua amigo(a) estivesse enfrentando o Bullying, como você reagiria?</li> <li>• O que o Bullying causa à vítima?</li> <li>• Você já presenciou uma cena de Bullying?</li> <li>• Você já foi vítima de bullying?</li> <li>• O que você diria para quem comete Bullying?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troca de experiências e opiniões sobre Bullying (histórias, comentários, debates...)</li> <li>• Dentre a temática abordada, alguns aspectos devem ser considerados e pontuados, de maneira a evidenciar a não-perpetuação do Bullying: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apontar os efeitos do Bullying na vítima (depressão, ansiedade, traumas, timidez, suicídio, isolamento...)</li> <li>- Debater sobre o preconceito (principal razão do Bullying)</li> <li>- Palestrar sobre a heterogeneidade do país e as diversidades físicas, estruturais, culturais, regionais e etc. dos indivíduos.</li> </ul> </li> </ul>

**Fonte:** elaborado pela autora.

Esse procedimento de abordagem necessita da interação dos alunos como dinâmica do ensino e troca de saberes, ou seja, o professor mediador aplicará os pressupostos da educação “problematizadora” para despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, conforme orienta Freire “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que e em que se acham*” (FREIRE, 2018, p.100).

A partir do debate, os alunos já possuem uma noção mais ampla do assunto, possibilitando o desenrolar para questões mais profundas: doenças psicológicas derivadas dos traumas, o preconceito enraizado, a violência como opressão, a necessidade de inclusão, e etc.




No primeiro quadro aqui proposto, é possível o exercício de conscientização e inferência com os alunos. Ao interagirem entre si, sentem-se confortáveis e familiarizados com o assunto, acrescentando-lhes prazeres de aprender e interesses de cunho social, ou seja, sentem-se pertencentes a essa realidade, portanto, desalienam-se.



Segundo Freire (2018):

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada (FREIRE, 2018, p 98).

É preciso, portanto, que os alunos tenham voz ativa na participação da aula, para que consigam elaborar seus próprios pontos de vistas, opiniões e experiências. Tornando-os, portanto, cidadãos engajados. É o que se pretende na construção dos próximos quadros para dar continuidade à abordagem do tema Bullying em sala de aula.

**Quadro 2 – Segundo procedimento de abordagem: abordagem completa da temática Bullying.**

<b>Estratégia de abordagem.</b>	<b>O que se pretende e algumas observações.</b>
<p>- Após a passagem do filme Extraordinário, elaborar uma interpretação:</p>  <p>Quais são os tipos de Bullying que Auggie sofre?</p>	<p>Essa abordagem possibilita ampliar o tema de maneira a apresentar os diferentes tipos de Bullying existentes, são eles:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Físico</li> <li>- Verbal</li> <li>- Escrito (ou virtual)</li> <li>- Material</li> </ul>
 <p>Qual o papel da família na batalha contra o Bullying?</p>	<p>Através dessa questão, é possível que os alunos pontuem as atitudes e gestos que podem servir de apoio em momentos difíceis, como aconteceu com a personagem Auggie.</p> <p>A empatia, o amor, o carinho e a paciência são alguns dos pontos importantes para se apresentar aos alunos.</p>
 <p>Quais são os tipos de Bullying que Auggie sofre?</p>	<p>Essa abordagem possibilita ampliar o tema de maneira a apresentar os diferentes tipos de Bullying existentes, são eles:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Físico</li> <li>- Verbal</li> <li>- Escrito (ou virtual)</li> <li>- Material</li> </ul>

	<p>Qual o papel da família na batalha contra o Bullying?</p>	<p>Através dessa questão, é possível que os alunos pontuem as atitudes e gestos que podem servir de apoio em momentos difíceis, como aconteceu com a personagem Auggie.</p> <p>A empatia, o amor, o carinho e a paciência são alguns dos pontos importantes para se apresentar aos alunos.</p>
	<p>De acordo com a opinião do aluno, como um amigo pode ajudar diante de uma situação de Bullying?</p>	<p>Aqui, faz-se útil a opinião do aluno ao definir o papel dos amigos nessas situações, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito</li> <li>- Companheirismo</li> <li>- Empatia</li> <li>- Acolhimento</li> <li>- Aconselhamento</li> <li>- Denúncia</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pela autora.

Neste momento abordado, o aluno já abstraiu informações necessárias para a construção de suas próprias formulações. Agora, é possível que o professor-mediador entenda quais foram as interpretações dos alunos ao assistirem ao filme, possibilitando um debate mais profundo e organizado.

O uso das imagens da cena do filme é uma boa proposta para retomar as ideias principais a que se pretende aprofundar.

Em sequência, propõe-se o próximo procedimento:

**Quadro 3 – Terceiro procedimento de abordagem: abordagem detalhada do filme.**

<b>Estratégias de abordagem.</b>	<b>O que se pretende e algumas observações.</b>
<p>Propor exercícios e atividades a serem feitos, enfocando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preconceito</li> <li>• Combate ao Bullying</li> <li>• Papel da família</li> <li>• Empatia</li> <li>• Solidariedade</li> <li>• Consequências causadas na vítima do Bullying</li> <li>• O que se fazer diante de uma cena de Bullying</li> <li>• Histórias e experiências com o Bullying</li> </ul> <p>Pode-se propor uma redação em relação ao assunto, com a estrutura de texto dissertativo argumentativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dissertação</li> <li>- Argumentação</li> <li>- Conclusão</li> </ul>	<p>Pretende-se que o aluno se sinta familiarizado e comovido com o assunto, propondo-o novas reflexões quanto às atitudes e medidas a serem tomadas em situações delicadas como o Bullying. O aluno saberá identificar o papel de cada agente: familiares, amigos, professores, diretores e da escola em geral.</p> <p>A partir das trocas de experiências entre os educandos, será possível abrir questões mais profundas e relacionadas ao Bullying, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Causa e efeito do Bullying (depressão, ansiedade, traumas...)</li> <li>- Criminalidades</li> <li>- Personalidade dos agressores</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pela autora (2020)

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa bibliográfica teve como objetivo abordar a temática Bullying, buscando tratá-la em sala de aula através do auxílio de teorias didáticas para contribuir para a mediação professor-aluno.

Para complementar esta pesquisa, foi realizado um material de apoio aos professores que enfrentam situações de alunos vítimas de Bullying/opressão em sala de aula, de própria autoria, utilizando o filme Extraordinário como objeto de estudo e reflexão.

Para debater o assunto foram trazidos à discussão os seguintes autores que tratam sobre o tema: Baborsa, Constatini, Fante, Freire, Vinha e Tognetta, Zabala, etc.

Após os estudos, leituras e discussões realizadas para compor o trabalho, pude perceber um desenvolvimento pessoal e ético da minha parte, contribuindo diretamente para a minha formação profissional. Através desta monografia foi possível identificar as possíveis e prováveis vítimas de *Bullying* e outras formas de opressão, diagnosticar o perfil dos opressores e intervir nos primeiros indícios dos casos. As pesquisas para compor esta monografia fez-se essencial para se perceber a importância das estratégias de ensino, das criações de intenções educativas e das medidas preventivas diante de situações de violência e opressão em sala de aula.

Conhecer as leis que combatem as intimidações sistemáticas (*Bullying*) e construir uma pedagogia problematizadora que instiga o pensamento crítico, reflexivo e emancipador dos alunos é fundamental para conter a indisciplina e instaurar a paz no ambiente escolar e pessoal dos alunos. Portanto, faz-se necessário saber agir e impor-se diante de situações de violência e opressão promovendo espaços adequados para o ensino-aprendizagem através de diálogos, debates, rodas de conversas, relatos de experiência e etc.

Buscar novos sentidos para uma educação que se faz útil e revolucionária é imprescindível. A análise de como os agressores e vítimas de opressão agem e pensam subsidia e redimensiona os processos didáticos. Dessa forma, torna-se necessário refletir sobre a missão social dos professores e verificar o sentido político e ético da educação.

A partir dos estudos realizados para compor a presente monografia, infere-se que utilizar de estratégias didáticas para conduzir os alunos para um pensamento crítico, reflexivo e emancipador é preocupar-se com a inserção do sujeito no mundo de hoje.

Conhecer e analisar novas posturas em sala de aula pode interferir no processo de construção social dos alunos, bem como promover a empatia e a humildade, gerando novas buscas de renovação ética. Assim, as estratégias pedagógicas servem para a humanização e inclusão social.

Esta pesquisa, embora contribua para as discussões sobre as formas de opressão e violência em sala de aula, reforça a possibilidade de mudanças nas práticas de ensino-aprendizagem, uma vez que as discussões sobre o tema não se esgotam; são, portanto, conclusões provisórias que sinalizam para mais estudos e reflexões, como ensina o poeta:

Quadro nenhum está acabado,  
disse certo pintor;  
se pode sem fim continuá-lo,  
primeiro, ao além do quadro  
que, feito a partir de tal forma,  
tem na tela, oculta, uma porta  
que dá a um corredor  
que leva à outra e a muitas outras.  
(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)



## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BARBOSA, Ana Beatriz. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Fontana, 2010.

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **LEI N 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018**. Altera o art. 12da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz. <http://mec.gov.br/images/publicacao.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). <http://.mec.gov.br/images/publicacao.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

DELLORS, Jacques (Org). **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília: MEC: UNESCO, 1990

DUBET, François. **A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização**. Revista Contemporaneidade e Educação, v. 3, p. 27-33, 1998.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PEREIRA, Beatriz. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

VINHA, Telma Pileggi; Tognetta, Luciene Regina Paulino. **Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v.9, n. 28, p. 525-540, set./dez.2009

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa. Como ensinar.** Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.